

AS FACES DA CULTURA: UMA REFLEXÃO SOBRE A TERMINOLOGIA DE CULTURA PELO VIÉS DO DESENVOLVIMENTO

Reinaldo Knorek¹

RESUMO: Esboçar uma reflexão sobre os conceitos de cultura exige um “refletore” – isto é, voltar na linha do tempo, no início da própria história da humanidade, onde se encontram características do homem que se apresenta como um ser no mundo. Ser no mundo natural diante do artificial é o se chama cultura ou, ainda, uma segunda natureza. As diferenças entre esses mundos da pessoa humana universal fazem fronteiras com o estado individual e coletivo que correspondem à construção da própria vida humana em busca de desenvolvimento. Os extremos dessa dualidade cultural – natural e artificial – interpõem a separação ou, muitas vezes, cria a harmonia diante do problema da civilização da humanidade com soluções e realizações desenvolvimentistas. Essas buscas dos homens pelas realizações fundamentam o viés das faces da cultura como forma de desenvolvimento: na construção do próprio mundo artificial.

Palavras-chave: Cultura. Desenvolvimento. Natural. Artificial.

FACES OF CULTURE: A REFLECTION ABOUT TERMINOLOGY OF CULTURE THROUGH BIAS OF DEVELOPMENT

ABSTRACT: Sketch a reflection on the concepts of culture requires a "refletore" - that is, back in the timeline at the beginning of the history of humanity, which are characteristic of man who presents himself as a being in the world. Being in the natural world on the artificial is called culture or even second nature. The differences between these worlds of universal human person make borders with individual and collective state corresponding to the construction of the human life in pursuit of development. The extremes of this cultural duality - natural and artificial - interpose separation or often creates harmony on the problem of mankind's civilization with solutions and developmental achievements. These searches of the men by the achievements underpin viable culture of the faces as a way of development: the construction of own artificial world.

Keywords: Culture. Development. Natural. Artificial.

¹Doutor em engenharia de produção e sistemas, graduado em administração de empresas e filosofia, professor do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da UnC Campus Canoinhas. E-mail: professorreinaldo@cni.unc.br

1 CULTURA: UM CONCEITO COMPLEXO ENTRE O MUNDO NATURAL E O ARTIFICIAL

Na perspectiva de aprofundamento à ideia de definir cultura, é instrutivo considerar o termo na definição do seu fim – ou melhor, pela sua finalidade – não menos significa pensá-lo enquanto um processo de desenvolvimento e evolução do homem, mas, a finalidade de interpretação da realidade desse homem inserido no *kosmos*: a ordem do mundo natural e artificial. O conceito de fim é básico para caracterizar o mundo da cultura. A cultura existe exatamente porque o homem em busca de realização altera aquilo que lhe é dado, ou seja, o natural é alterado em si próprio, para o mundo artificial como forma de suprir suas necessidades desenvolvimentistas. Aliás, este é um modo de interpretar o conceito de cultura como uma evolução da arte (como técnica), enquanto a ideia de uma construção de desenvolvimento do mundo artificial, ou seja, tudo o que é produzidos e reproduzidos, construídos e interpretados como um diferencial entre o crescimento e desenvolvimento. Sobretudo, a interrogação que segue necessariamente para uma formulação do conceito de cultura é a identificação de qual mundo é o cultural: o natural ou o artificial?

Àvila (1991, p. 131) define a cultura do latim *cultus* = cultura, ação de cultivar, significação que aparece na terminologia agrícola, quando geralmente se fala em agricultura e, especialmente, em cultura do café, cultura canavieira. Nas ciências humanas, o termo é tomado em dois sentidos: **subjetivo e objetivo**. No sentido subjetivo, conota a ideia de um alto grau de desenvolvimento das capacidades intelectuais do homem. Nesta acepção fala-se numa pessoa de vasta cultura, que não só estendeu seus conhecimentos além dos compartimentos de uma especialização e das faculdades mentais que abrem as dimensões para o pensamento humano. Essa cultura não é um dom gratuito, mas o resultado de um esforço perseverante, principalmente no contato com as fontes impressionantes dos grandes pensadores como, por exemplo, podem-se citar os principais representantes da filosofia antiga: Tales, Heráclito, Pitágoras, Protágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles. No período da Idade Média - Santo Agostinho, Santo Anselmo, Roger Bacon, São Tomás de Aquino, Guilherme de Ockham. Na época renascentista, em sua multiplicidade de enfoques e aspectos destaca-se: Nicolau de

Cusa, Giordano Bruno, Galileu, Thomas More, Maquiavel, Montaigne, Francis Bacon. Já no período moderno: Descartes, Espinosa, Pascal, Leibniz, Hobbes, Locke, Hume, Montaigne, Newton, Rousseau, Voltaire, Kant. E, com os contemporâneos pode-se citar: Foucault, Nietzsche, Wittgenstein, Kafka, entre outros. No sentido objetivo, o termo cultura se refere a todo conjunto artificial de criações desenvolvidas e descobertas pelo ser humano que foi marcado na história das civilizações humanas. Na atualidade se vulgarizou os termos e podem ter a distinção entre civilização e cultura. Atribui-se o conceito de *civilização* ao conjunto de criações materiais e reserva-se o conceito de *cultura* ao conjunto de criações imateriais como: crenças, mitos, lendas, religiões, filosofias, sistemas jurídicos, enfim todo o patrimônio de ideias de uma época e de um povo. Destaca-se que a ideia planetária da cultura - na atualidade - se estende como a cultura tecnológica: é o mundo artificial da produção material. É importante sublinhar que a cultura popular, que não é a popularização dos modelos culturais, mas tem o significado de valorizar, descobrir e desenvolver as criações espontâneas do povo como a arte, o folclore em geral. Um exemplo de desenvolvimento pode ser medido, por exemplo, em culturas que conservam o meio ambiente em que vivem. O ser humano é um ser no mundo. Esse é um mundo cultural da percepção de quem que o transforma e o reproduz do natural ao artificial.

Knorek (2000, p. 51-53) cita Montesquieu, que é um dos grandes mestres da ciência jurídica-política da França, no século XVIII, escreveu a obra “Do Espírito das Leis”, cuja influência se fez notar na Revolução Francesa. A lei é definida como sendo uma relação necessária que resulta da natureza das coisas. Essa definição vale tanto para as leis físicas-matemáticas como para as leis culturais. Quando se fala em “natureza das coisas” menciona-se às leis que explicam o mundo físico, ou seja, o mundo do “dado”, as Leis morais e jurídicas, que são as mais importantes dentre as que compreendem o mundo da cultura e da conduta humana, do construído: o mundo artificial. Também cita Schelling (1990) ao definir o termo cultura destaca que o homem é ele próprio cultural, na medida como produto de um desenvolvimento histórico, de um diálogo da sociedade consigo mesmo, ele traz as marcas de sua formação na linha do tempo. Ao citar Reale (1987), define cultura como o conjunto de tudo aquilo que, no plano material e espiritual, o homem constrói sobre a base da natureza, quer para modificá-la, quer para modificar-se a si mesmo.

Desse modo, o conjunto dos utensílios e instrumentos, das obras e serviços, assim como das atitudes espirituais e formas de comportamento que o homem veio formando e aperfeiçoando, através da história, como cabedal ou patrimônio da espécie humana. Segundo o mesmo autor, a palavra “cultura”, já era empregada por escritores latinos, que, nas pegadas de Cícero, faziam-no em dois sentidos: como cultura **agri** (agricultura) e como cultura **animi** (pecuária). A agricultura dá-nos bem a idéia da interferência criadora do homem, através do conhecimento das leis que explicam a germinação, a frutificação etc. Ao lado da cultura do campo, via os romanos à cultura do espírito, o aperfeiçoamento espiritual baseado no conhecimento da natureza humana. É na natureza humana que, efetivamente, repousam, em última análise, as leis culturais, sem que a aceitação do conceito de natureza humana implique, necessariamente, o reconhecimento das leis naturais anteriores às que positivam na história. É necessário, pois, esclarecer o valor do ensinamento, que nos vem de Aristóteles, do livro a Política, de que o homem é um animal político por sua própria natureza, ou seja, um animal destinado a viver em sociedade, de tal modo que fora da sociedade, não poderia jamais realizar o bem que tem em vista. A sociedade das abelhas e dos castores pode ser vista como uma simples sociedade da natureza, porquanto esses animais vivem hoje, como viveram no passado e não de viver no futuro. A convivência dos homens, ao contrário, é algo que se modifica através do tempo, sofrendo influências várias, alternando-se de lugar para lugar e de época para época. O homem é o único animal que mudou o seu mundo natural pelo artificial. É por este fato que a sociedade é entendida com o uma ciência cultural. A cultura, numa visão semiótica, é como uma “teia de símbolos”, que podem ser lidos e que formam os padrões culturais ou sistemas, de símbolos. O mesmo declara que, “Acreditamos, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado de teias de significados que ele mesmo teceu, assunto cultura como sendo estas teias e a sua análise [...] é como uma ciência interpretativa à procura de significados.” Segundo o mesmo autor, cultura é o padrão de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas, por meios das quais os homens se comunicam perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. Conforme cada visão do mundo, cada cultura cria seu sistema de categorias, que são classes de elementos que agrupam relações semânticas

(ligações formais desses elementos, ou símbolos, com as coisas do mundo) e sintáticas (relações destes elementos entre si, ou organização lógica implícita). Melo (1986), o significante admite que pelo menos quatro significados:

1. *Para o antropólogo social*: deverão ser todos os bens materiais e espirituais produzidos pelo homem, em oposição aos bens naturais, produzidos pela natureza;
2. *Para outros cientistas sociais* como os sociólogos: a Cultura significa modo de vida, comportamentos, hábitos, religião, ideologias, etc.;
3. *Numa perspectiva filosófica*: o mundo da Cultura é o mundo dos valores;
4. *Numa visão intelectualista*: se estabelece um conceito mais restrito e também mais próximo do étimo latino. Esta seria a criação de bens não materiais, produtos do pensamento e da criatividade como obras de arte, a literatura, os bens históricos e coisas desse nível, incluindo-se as tradições e a história do respectivo povo.

Abreu (1986), a cultura é um fenômeno da evolução humana em sociedade. A sociedade do homem é um sistema de ao menos cinco subsistemas – interdependentes e sinérgicos:

1. *Sistema biossocial ou sociogenético*: é a reprodução social da população ou puramente biológica;
2. *Sistema ecológico*: é o sistema de habitar;
3. *Sistema econômico*: produção e troca de bens;
4. *Sistema Cultural*: é a comunicação de mensagens, códigos de todas as espécies como lingüística, éticos, estéticos, do saber, das crenças;
5. *Sistema Político*: do qual é o conjunto de processo de decisão pertinente à totalidade de uma sociedade global.

Sachet (1986), cultura a ser tomada com um sistema de idéias, de conhecimentos de técnicas e de artefatos de padrões de comportamento e de atitudes. Entende-se que cultura se veste de três aspectos diferenciados, para efeitos de análise, mas concentrados como efeitos de repercussão:

1. *Cultura identidade*: reflexão de um grupo sobre um passado e sobre uma história que se faz presente;
2. *Cultura personalidade*: presença criadora de um momento que se projeta o futuro;
3. *Cultura comunidade*: participação coletiva na organização e no acompanhamento das tendências que, no presente, estabelecem elos entre um passado que permanece e um futuro que transforma.

Sánchez (2000, p. 175) a história dos distintos conceitos de cultura confundem-se, portanto com a história da antropologia. O autor descreve alguns pontos de referência da história da antropologia e da cultura:

- a) Atenção dada ao desenvolvimento progressivo cultural em geral, submetida tanto a uma evolução

unilinear – desenvolvimento através de uma série de etapas fixas – enquanto a um paralelismo cultural- conseguir certas condições em todas as sociedades (evolucionismo cultural); b) atenção dada às culturas individuais, explicando suas similitudes culturais, mediante os processos históricos de difusão (Difusionismo); c) Consideração das culturas como totalidade orgânica, isto é, como sistemas sociais de elementos inseparáveis e interconectados, cujo estudo sincrônico permite observar o funcionamento real delas (funcionalismo); d) O essencial da cultura são as estruturas mentais que subjazem ao que poderíamos chamar estrutura social visível; objetos, costumes, instituições, e crenças (estruturalismo e particular de Lévi-Strauss); e) Observação do fenômeno da cultura em sentido geral, multilinear específico, o que comporta uma revisão e redefinição do evolucionismo cultural clássico (Neo-evolucionismo); e) Atenção dada a determinados aspectos como relação meio-sociedade (Ecologismo cultural), subordinação do cultural ao econômico (Estruturalismo marxista), ao jogo de tensões, conflitos e desenvolvimento periódicos da sociedade (Dinamismo) configuradores de algumas das últimas tendências antropológicas.

Cotrim (2006, p. 17-20) fala da distinção entre natureza e cultura. O uso desses conceitos segundo o mesmo merece uma investigação nos seguintes contextos: a) para os biólogos, por exemplo, se referem à criação de certos animais falando em cultura de gemes, cultura de carpas, entre outros; b) Na linguagem cotidiana, dizemos que uma pessoa tem cultura quando frequenta boas escolas, leu bons livros, adquiriu conhecimento científico, entre outros; c) na Grécia Antiga o termo cultura adquiriu uma significação toda especial ligada a formação individual do cidadão. Correspondia a chamada *paidéia* – processo pelo qual o homem realizava o que os gregos consideravam a sua verdadeira natureza, isto é, desenvolver a filosofia (conhecimento de si e do mundo) e a consciência da vida em comunidade. Para o autor a palavra cultura é empregada por antropólogos, historiadores e sociólogos como um conjunto dos modos de vida criados e transmitidos de uma geração para outra, entre membros de uma sociedade. Abrange conhecimentos, crenças, artes, normas, costumes, e muitos outros elementos adquiridos socialmente pelos homens. Envolve, sobretudo o que pensamos, fazemos e temos como membro de grupo social como: ocidental ou oriental, chinesa ou brasileira, tupi ou

africana, cristã ou muçulmana, familiar ou empresarial. Cada grupo social com seus valores e crenças desenvolvidas culturalmente. Assim, Braidwood, define essa ideia.

A cultura é duradoura embora os indivíduos que compõem um determinado grupo desapareçam. No entanto, a cultura também se modifica conforme mudam as normas e entendimentos. Quase se pode dizer que a cultura vive nas mentes das pessoas que a possuem. Mas as pessoas não nascem com ela; adquirem-na à medida que crescem. Suponha que um bebê húngaro recém-nascido seja adotado por uma família residente nos Estados Unidos, e que nunca digam a essa criança que ela é húngara. Ela crescerá tão alheia à cultura húngara quanto qualquer outro americano. Assim, quando falo da antiga cultura egípcia, refiro-me a todo o conjunto de entendimentos, crenças e conhecimentos pertencentes aos antigos egípcios. Significa, por exemplo, tanto suas crenças sobre o que faz o trigo crescer, quanto sua habilidade para fazer os implementos necessários à colheita. Ou seja, suas crenças a respeito da vida e da morte. Quanto falo de cultura, estou pensando em algo que perdurou através de tempo. (BRAIDWOOD, p.41-42)

Rubio (2001, p. 399) diz que na historicidade humana cultura e a personalização do ser humano e que as reflexões são suficientes para que se possa avaliar o quanto a relação é estreita entre historicidade e cultura, entendida esta em sentido amplo, a saber, como o mundo construído e organizado pelo esforço humano (mundo da natureza transformado pelo homem em mundo humano). Com efeito, o modo como o ser humano encara o passado e do futuro não é algo meramente individual, mas possui uma dimensão fortemente comunitária e social. Quer dizer que existe um mundo cultural no qual nascemos e nos desenvolvemos como seres humanos.

Em suma, a vida humana cultural - natural e artificial - em todas as suas dimensões e contextos - propriamente humana - se apresenta como uma vida aberta culturalmente a construir e reconstruir o mundo artificial da cultura. Não se pode falar em determinismos éticos, estéticos, políticos, mas, sim em uma certeza de que o mundo cultural é o mundo artificial da transformação da vida humana em sociedade.

2 CULTURA E A QUESTÃO-PROBLEMA: UMA BUSCA DE RESPOSTAS

Villa (2000, p. 174-176) diz que no mundo latino aplica-se termo cultura - *colere*- ao labor agrícola, termo que com o decorrer dos anos a dada similitude entre aquelas tarefas e as que são próprias ao desenvolvimento do espírito acabará significando melhoria e o aperfeiçoamento humano. Entender na analogia do cultivo

da pessoa humana significa que é os resultados colhidos desse cultivo. O cultivo da pessoa humana perpassa pela formação do indivíduo, no que ele é e deve ser, do qual vai se transformando como um produto do que está sendo cultivado: sempre nos limites de cada época. A pessoa humana do período clássico, medieval, moderno e contemporâneo se configurou no mundo da cultura – mundo artificial – como transformador do ambiente do qual muitas vezes se perdeu a sustentabilidade: tanto ecológica como estrutural-cultural. Assim pode-se definir em cada período a investigação ou as questões-problemas foram levantadas em busca de soluções para a vida humana: tanto no individual como no coletivo.

Entretanto no período clássico a questão-problema foi o desenvolvimento das ideias sobre o que é a natureza (*fysis*) e a matéria. Quanto às questões-problemas no período medieval a cultura se volta às explicações sobre quem é o divino (transcendente) do mundo natural e do artificial, seja quem é e, o que é Deus: período cultural dominado pelas questões religiosas: conhecido como período das travas para a visão da filosofia. No que tange o período moderno, as questões-problemas se voltam aos conceitos culturais em explicar quem é homem – tanto no indivíduo como coletividade. Por fim o período contemporâneo tem a oscilação entre multiplicação e especialização dos conceitos sobre o que é a ciência, mente e a cognição. Sobretudo esses períodos na divisão clássica da história da humanidade têm como pano de fundo a ideia de cultivo da pessoa humana - em acordo com cada época a questão-problema foram fundamentadas em busca do desenvolvimento e da sustentabilidade humana.

3 AS FORMAS DE DESENVOLVIMENTO E A CULTURA.

Em síntese, é complexo definir as formas terminológicas de desenvolvimento da cultura humana, mas pode-se esboçar as formas da: *aculturação* (ocorre uma justaposição de cultura); *inculturação* (ocorre uma relação de culturas); *enculturação* (torna-se uma cultura); *transculturação* (muda de sistema ou elimina a cultura); *monoculturação* (adota-se uma única cultura); *pluriculturação* (adota-se muitas culturas); *endoculturação* (entra dentro de uma nova cultura).

Ávila (1991, p. 12) aculturação como um fenômeno de interpretação das culturas diferentes. Essa aculturação pode ser a nível individual como no coletivo.

No individual recai sobre o campo da psicologia social focalizando o processo pelo qual o indivíduo reage a uma nova cultura que o envolve. Pode-se pensar aqui o caso das invasões, ou na qual penetra como é o caso das imigrações que desencadeará o desenvolvimento do território ou o seu atraso. Já no aspecto grupal focaliza as transformações e o destino das próprias culturas que entram em contato. Pode-se dizer que no individual o nível evolutivo tem características complementares, entrando em contato, que se equilibram e daí se dá à origem de um novo complexo cultural: com exemplo na história a aculturação greco-romana. A aculturação a nível coletivo ou grupal tem como tema evolução na tecnologia a absorver outra cultura de nível evolutivo mais frágil com a qual se entra em contato. É o que vem ocorrendo com a expansão da cultura de tecnologia ocidental sobre o mundo dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento e sofrem a agressão na sua cultura. Hoje buscam-se sobreviver com reações contrárias com o incentivo a preservação dos valores, usos, costumes, crenças e forma de vida como é o caso dos movimentos da cultura negra e dos movimentos indígenas. De fato ainda não se chegou a uma solução equilibrada que preserve seus valores autênticos sem relegar estas culturas de estagnação. A aculturação é assim um conceito antropológico-cultural e se distingue da inculturação que é mais um conceito teológico-missiológico, ou seja, o processo de incorporar novas culturas sem alterar a existente. As desigualdades entre culturas mesmo sem implicar um juízo de valor e em sua aparente inocência, apresenta também um lado pérfido, que deve ser mencionado e é também confirmado pela história da religiosidade humana. Na aculturação (ocorre uma justaposição de cultura) indica concretamente todos os fenômenos que se derivam do contato contínuo de dois grupos culturais diferentes, com as consequentes mudanças que se operam em ambos, resultando, ao fim e ao cabo, uma síntese dos dois ou o predomínio de um sobre o outro. Aculturação passou a ser sinônimo de conflito cultural, produto da dominação político-econômica, colonização cultural e até destruição axiológica de algumas sociedades. Já para a Sociologia é adaptação de um indivíduo a uma cultura estrangeira, com a qual está em contato permanente.

No documento de Medellín (1979, p.341-343), Cheuiche, bispo auxiliar de Porto Alegre, diz que a endoculturação (entrar adentro de uma nova cultura) e a enculturação (torna-se uma cultura), pode-se pensar a terminologia empregada

nesses processos como a transmissão e comunicação de certas pautas de comportamento de uma determinada cultura às novas gerações e tratam também da inserção de novos elementos culturais ao já existentes, de controle cultural, assim como da participação ativa de novos membros do grupo no projeto cultural no qual são introduzidos, e que, por sua vez, o assumem e o modificam. Para Berger e Luckmann (1993, p.164) endoculturação resulta a socialização primária que designa os primeiros contatos da criança como a cultura em que se nasce. E segundo Bastide (1972, p. 41) ela acontece no transcurso dos primeiros anos de vida do menino, mediante a ação dos pais, professores e outros agentes. A enculturação que corresponde ao que Berger e Luckmann denominam de “socialização secundária” que designa o processo através do qual novo membro do grupo social ou aquele que a ele aporta assume ativamente o projeto cultural em questão, desenvolve-o e chega mesmo a modificá-lo. A endoculturação é um processo que explica a transmissão e a aprendizagem de comportamentos dentro de uma mesma cultura (geralmente quando se é criança), feito pela educação, pela imitação e pelo condicionamento do meio social. Um dos aspectos mais evidentes dos culturalistas foi o de terem insistido na noção de tipo psicológico (definir uma cultura a partir de modelos dominantes numa sociedade) e de “padrões” de cultura (maneiras típicas de pensar e de agir próprias de uma cultura), estabelecendo, para o processo de endoculturação, a formação de uma personalidade adulta reconhecida como normal numa sociedade. É preciso denunciar esta posição simplista e reafirmar a complexidade e a diversidade dos processos de transmissão da cultura numa sociedade, bem como da sua manifestação por parte dos membros que a constituem.

Miranda (2001, p. 129) diz que a desigualdade entre as culturas, mesmo sem implicar no juízo de valores em uma aparente inocência apresenta um lado perverso em que as culturas mais complexas e universais quando confrontadas com culturas locais, acabam por devorar ou suprimir estas últimas. A história da atividade missionária do cristianismo europeu significou para muitos povos a imposição da fé e num *ethos* alheios a próprias culturas. Essa questão continua atual em nossos dias e constitui um obstáculo a uma autêntica inculturação.

4 A IMPORTÂNCIA DA CULTURA URBANA E O DESENVOLVIMENTO

Nesta fundamentação teórica, analisar a importância da **cultura**, como elemento fundamental para o desenvolvimento e sustentabilidade tanto – urbana, rural, local, regional ou até mesmo de uma nação – faz-se a reflexão da transformação do espírito inovador da construção do mundo artificial de uma sociedade como um todo. Se fixarmos os olhos naquilo que nos cerca, verifica-se a existência de homens e coisas. O homem não apenas existe, mas coexiste, ou seja, vive necessariamente em companhia com outros homens, estes estabelecem relações entre si de ordenação, de subordinação, de integração, ou outra natureza: é o homem como pessoa humana inserida no mundo. Essas relações podem ocorrer em razão de pessoas, ou em função de coisas. No universo, há coisas que se encontram, por assim dizer, em estado bruto, ou cujo nascimento não requer nenhuma participação de nossa inteligência ou de nossa vontade: chamamos isso de mundo natural. Mas, ao lado dessas coisas, postas originalmente pela natureza, outras há sobre as quais o homem exerce a sua inteligência e a sua vontade, adaptando a natureza a seus fins: chamamos isso de mundo artificial ou cultural. Constituem-se, então, dois mundos complementares: o do *natural* e o do *cultural*; do *dado* e do *construído*, do *cru* e do *cozido*. Havendo necessidade de uma expressão técnica para indicar os elementos que são apresentados aos homens, sem sua participação intencional quer para o seu aparecimento, quer para o seu desenvolvimento, chamamos de mundo **natural**, ou puramente natural. Construído é o termo que empregamos para indicar aquilo que acrescentamos de suas leis visando a atingir determinado fim. O conceito de fim é básico para caracterizá-la ao mundo da cultura. O mundo da cultura existe exatamente porque o homem, em busca da realização de fins que lhe são próprios, altera aquilo que lhe é dado, alterando-se a si próprio.

A espécie humana é a única que tem, portanto, consciência de um passado evolutivo e histórico: passado-presente-futuro. É a única que, possui uma segunda natureza que chamamos de *cultura*. É a única que, tendo acrescentado esta alíquota, se armou de instrumentos para poder criar seus próprios destinos. Procura, pois, à luz da consciência histórica, ter consciência do futuro. É a única que, graças à cultura enriquecedora de seu patrimônio biológico, pode transferir para gerações

sucessivas sua experiência de vida. Este patrimônio biológico, que se observou no programa globo rural, da emissora de televisão Rede Globo, no domingo do dia 15 de maio de 1999; apresentou-se uma reportagem sobre uma aldeia de índios ao sul do estado do Tocantins. Na reportagem, é mostrado a cultura do homem branco (tecnologia e conhecimento) que havia guardado sete variedades de milho de uma tribo de índios que plantavam à 50 anos atrás, e naquele instante se devolviam as sementes de cinco variedades, que os índios não tinham mais para o plantio. A cultura de homens brancos criando elos para o desenvolvimento e sustentabilidade local-global. Dois fundamentais compromissos se colocam diante desta forma excepcional de ser vivo: 1) O compromisso de manter uma consciência evolutiva histórica de sua vivência inter-relacionada nos ambientes em que se aloja; 2) O compromisso de buscar caminhos para os seus destinos que em escala mais ampla e em função do poderio de sua alíquota de acréscimo, corresponde ao futuro do próprio planeta.

O Brasil é uma nação, produto de especiais circunstâncias históricas relacionadas com a expansão mercantilista europeia do século XV e seguinte. Como um conjunto de ambientes predominantemente tropicais, o Brasil se tornou um vasto espaço e sofreu o ingresso de componentes culturais ocidentais, de regiões climáticas do tipo mediterrâneo. Este foi o impacto inicial. Os estudos de caráter antropológico nos mostram que nestas culturas estão contidos muitos traços que evidenciam formas comportamentais adaptativas à natureza. E, nos mostram, por outro lado, que manifestações de agressão à natureza coexistem com os comportamentos indicativos de certo grau do que podemos chamar por “consciência ecológica pré-ocidental”. Um dos mais graves equívocos ecológicos praticados pelos povos pré-cambrianos era a coivara, a queimada de massas florestais para abertura de faixas de incipiente da agricultura. Os povoadores do território brasileiro, vindos da península ibérica, os colonos cablizados e os colonizadores herdaram dos indígenas a prática da coivara, sem dúvida, eficaz instrumento para a expansão de terras agrícolas. Os indígenas a praticavam para assegurar clareiras no interior das matas, onde uma agricultura itinerante lhes possibilitava suprimentos adicionais aos que estriam, caçavam e pescavam. Também se usava o fogo para ampliar áreas de campos abertos, de mais fácil locomoção de animais de grande porte, presas preferidas para eles. Outra cultura adquirida e agressiva era a prática de

envenenamento de rios para capturas massivas de peixes e mamíferos aquáticos, ou seja, o uso do **timbó**, uma raiz de forte teor de toxidez, matéria-prima para a fabricação, nos tempos recentes, da rotenona, usada em inseticidas anteriormente à disseminação dos inseticidas sintéticos. Com o advento do elemento ocidental, a natureza brasileira foi vista como de estonteante prodigalidade, consagrando-se a expressão de Pero Vaz de Caminha - “em se plantando nela tudo dá”.

Segundo Salvador (1995), em se tratando de cultura, o *MERCOSUL*, é um mercado comum, mas até agora tão somente um mercado. Porém ao constituir-se como um novo bloco composto por países - Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai - que tiveram uma mesma raiz cultural, o próprio movimento histórico fará aflorar do fundo de nossa sociedade uma mesma raiz cultural, o que temos em comum. Então, no momento em que estamos renascendo detrás de nossas perspectivas, a revolução cultural que completará nossa integração. As transformações institucionais e políticas ocorridas no panorama internacional colocam ao mesmo tempo, num primeiro plano, o problema da cultura. Da luta que o homem trava para apoderar-se, racionalizar e dominar a natureza: daí nasce a cultura. É o resultado da síntese milenar entre a natureza e o homem. A cultura implica uma linguagem, uma escala de valores que implica uma conduta coletiva, sistemas por percepção e organização do mundo e da consciência dos homens, que fazem possível a comunicação. Cultura é tudo aquilo que criamos especificamente, passado, presente e futuro, mental, espiritual ou material. É o todo que compreende, não só a totalidade das ideias, as invenções, os artefatos, os símbolos, os valores, as crenças e as obras de arte, os sistemas econômicos, as estruturas e as conversões sociais, as convicções morais; de fato, tanto o que a mente humana criou ou criará, quanto o que a mão humana fabricou ou fabricará.

Consequentemente é cultura tudo, absolutamente tudo, o que é criado pelo homem, desde a economia antiga mais simples, ao rito religioso mais sangrento, da aplicação medicinal de um simples arbusto, da caça, do descobrimento do átomo, da semeadura, da língua, do ritmo, da fé e a revolução tecnológica. Todos esses conceitos são expressos e partes de uma cultura. A cultura é formada de milhares de traços culturais selecionados, mas integrados, formando um todo. Os traços podem ser conforme a forma e a função. A forma é o feito comum a uma coisa se apresenta ou manifesta e, função é o tipo de ação ou procedimento inter-relacionado

de traços de cultura, de maneira como um elemento se relaciona com o outro, que contribui para o modo de vida global o mundo cultural.

Nesta busca incessante do homem ser um aventureiro em busca da realização e de auto realização, fez avanços e também fez retrocessos, de erros e acertos a vida na cidade: a vida cultural urbana. Essa vida na cidade representa uma das mais decisivas e definitivas conquistas da humanidade desenvolvidas pela cultura: o mundo artificial do processo evolutivo de viver em sociedade. A cidade surge na história do desenvolvimento cultural como produto da força criadora dos espíritos humanos, de sua natureza racional – colocada em uso- e da própria liberdade de querer viver em sociedade. O desenvolvimento cultural se estrutura e se aperfeiçoa diante da urgência da pessoa humana encontrar um *habitat* que pudesse assegurar a convivência com os demais seres biológicos. O homem não foi feito ou criado para viver sozinho. Por este fato natural que a pessoa humana busca viver com as outras pessoas não humanas e, a partir disso buscam realizar-se na totalidade de sua humanidade. Afinal segundo as afirmações socráticas, o homem é um animal político, que como tal, só pode realizar-se plenamente na *pólis*, ou seja, na cidade, na sociedade politicamente organizada. E, diga-se de passagem, a política e a ética, só existe por haver mais de uma pessoa humana. Se fossemos somente um ser – política e ética - não teriam sentido de discussão, pois, ambas são reflexões do nosso modo de viver em sociedade decompondo nossas relações sociais.

A história dos assentamentos humanos fixos (a cidade) tem sido ao impulso da primeira onda, em que foi registrada a revolução cultural calculada oito milênios antes de Cristo. Até então a humanidade vivera a experiência cultural do nomadismo e, grupos humanos a fins de estabelecerem-se temporariamente, à beira de rios e florestas para caçar e pescar, colher frutos e raízes pra assegurar a sobrevivência: essa experiência da pessoa humana se caracteriza como culturas itinerantes, predatórias e pastoris. Com essa prática o homem inicia o ritmo do desenvolvimento do saber, pois o mesmo foi observando as estações, os ciclos da natureza, assim como de obter uma primária seleção de sementes, encontrou-se nessa observação a necessidade de iniciar o cultivo racional e programar na terra as novas colheitas. Foi na Bíblia que está narrada a ideia de crescer e dominar a terra. (Gn 1, 29-31). Ao assumir a vida espontânea da natureza, ao ordená-la e dominá-la neste sentido

bíblico da palavra, teve lugar a primeira revolução cultural da história, a revolução agrícola, cuja expressão – agricultura - deu origem mais tarde ao conceito de cultura, na medida em que passa a significar tudo àquilo que o homem faz. Uma vez assegurada a subsistência não foi mais preciso emigrar por terras desconhecidas, daqui para lá e nem de lá para acolá. Fixando-se a terra surge a vida sedentária e se dá início aos primeiros ensaios de povoações da história da humanidade. Desde aquele momento a cidade surge para ficar e não parou mais de se desenvolver: chegando aos nossos dias como algo extraordinário do processo cultural de desenvolvimento da humanidade: dos mais primitivos traçados já se encontrava o resultado de uma cultura de urbanização. Há muito se diz que o Brasil é um país rico em diversidade étnica e cultural, plural em sua identidade: é índio, afro-descendente, imigrante, é urbano, sertanejo, caiçara, caipira que fazem a cultura da construção urbana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar os conceitos de cultura na história da palavra percebe-se que se trata de um conceito dinâmico, complexo, de semântica controvertida, mas que também pode ver claramente que ao se associar cultura ao cultivado, toda pessoa humana, é culto, usa a razão e ao longo do tempo se configura como resultado de um produto artificial de ser-no-mundo. Neste sentido o fato filosófico do estado natural ao estado artificial da sociedade.

Muitas são as contradições sobre cultura humana como pensamento da identificação da civilização onde se pode trabalhar por duas orientações: a mentalista (para qual o próprio da cultura está nas crenças e significados) e a materialista (que dá sua atenção ao desenvolvimento dos objetos no progresso humano). Assim diferentemente dos outros animais, os homens, não são apenas seres biológicos produzidos pela natureza, são, também seres culturais que modificam o estado de natureza: o modo de ser das coisas em mundo artificial.

De modo geral, a cultura se constitui dos seguintes elementos: *conhecimento, crenças, valores, normas, símbolos e*, o mundo natural e o artificial. Buscar uma cultura ideal, onde todos os elementos de uma sociedade pratiquem ou pensam atividades quotidianas em que o número de elementos novos adotados supera os

antigos, então, tem-se o desenvolvimento e o crescimento cultural. As mudanças podem ocorrer de fatores internos – endógenos (descoberta e invenção) ou externos - exógenos (difusão cultural). Entretanto, para o desenvolvimento e sustentabilidade urbana, local-global, a cultura é de fundamental importância como um elo para o desenvolvimento de uma dada cidade, região ou população. O ideal desse processo cultura é pela forma da inculturação: a ocorrência de uma relação de culturas.

REFERÊNCIAS

ABREU, T. **Cultura e constituição**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1986.

ÁVILA, Fernando Bastos de. **Pequena enciclopédia de doutrina social da igreja**. São Paulo: Loyola, 1991.

BASTIDE, R. **Antropologia Aplicada**. Buenos Aires: Amarrout, 1972.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **La construcción social de la Sociedad**. Buenos Aires: Amarrout, 1993.

BRAIDWOOD, Robert. **Homens pré-históricos**. Brasília: UnB, 1985.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: história e grandes temas**. São Paulo: Saraiva, 2006.

KNOREK, Reinaldo. **Elementos fundamentais para o desenvolvimento e sustentabilidade na agropecuária**. Dissertação de mestrado. UFSC, 2000.

MELO, Osvaldo Ferreira de. **Cultura e constituição**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1986.

MEDELLÍN. **Conclusões da Conferência de Medellín**. São Paulo: Paulinas, 1998.

MIRANDA, Mario França. **Uma abordagem teológica: uma inculturação privilegiada da fé**. São Paulo: Loyola, 2001.

RUBIO, Afonso Garcia. **Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2001.

SACHET, Celestino. **Cultura e constituição**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1986.

SALVADOR, Cabral. **A revolução cultural do MERCOSUL**. Trad. Nelson Rolim de Moura. Florianópolis: Editora Insular, 1995.

SÁNCHEZ Cuesta, M. **Dicionário do pensamento contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2000.

VILLA, Mariano Moreno. **Dicionário contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2000.

Artigo recebido em: 24/05/2013

Artigo aprovado em: 13/11/2013